

**Transformando idéias em projetos:
um guia para organização de pesquisa em comunicação midiática**

*Turning ideas into projects:
a guide to research organization in media communication*

Marcelo Bolshaw GOMES¹

Resumo

Resume-se aqui um pouco da metodologia científica das ciências sociais aplicadas: a relação entre o objeto empírico e um corpus teórico que o explique adequadamente; a necessidade lógica de se estabelecer, de forma assertiva, um problema através de uma pergunta atual, objetivos e hipóteses de solução para a questão levantada; e a diferença entre abordagem e procedimentos. Defende-se ainda a necessidade de especificar as técnicas de coletas de dados, sugerindo-se o consórcio de técnicas quantitativas (principalmente a análise de conteúdo) com técnicas qualitativas (como entrevistas e grupos focais). O presente artigo tem por objetivo orientar a elaboração de projetos de pesquisa na área da Comunicação Midiática, referenciado na metodologia científica das ciências sociais aplicadas.

Palavras chave: Ciências sociais aplicadas. Comunicação Mídiatica. Estudos da mídia.

Abstract

Boils down here a bit of scientific methodology of applied social sciences: the relationship between the empirical object and a theoretical corpus that explain properly; the logical necessity of establishing, in an assertive manner, a problem through a current question, goals and assumptions solution to the issue raised; and the difference between approach and procedures. It is argued also a need to specify the techniques of data collection, is suggesting the consortium of quantitative techniques (mainly the content analysis) with qualitative techniques (such as interviews and focus groups). This article aims to guide the development of research projects in the field of media communication, referenced in the scientific methodology of applied social sciences.

Keywords: Applied Social Sciences. Media communication. Media Studies.

¹ Doutor em Ciências Sociais. Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia - PPGEM/UFRN. E-mail: marcelobolshaw@ufrnet.br

Introdução

O primeiro passo para realização de uma pesquisa é a escolha de um objeto empírico (ex.: uma mídia, um veículo, um tipo de mensagem) conjugado a um objeto teórico (ex.: ‘Capital simbólico’ do Pierre Bourdieu, ‘Mediação’ de Jesus Barbero, ‘Hegemonia’ do Stuart Hall); um recorte da realidade e um conceito/teoria para compreendê-lo e explicá-lo. O objeto teórico deve sempre revelar algo sobre o objeto empírico que ainda não sabemos, deve ser uma “superação de um obstáculo epistemológico”, como dizia Gaston Bachelard, do ponto de vista ideológico, do senso comum para uma visão mais objetiva e científica sobre o assunto. Também se podem adotar um objeto empírico mais complexo (ex.: a relação entre TV e internet, uma prática social mediada); mas sempre haverá a necessidade de um objeto-conceito agregado ao objeto prático de estudo revelando seus aspectos desconhecidos.

Os objetos empíricos podem ser poeticamente comparados a peixes; e os objetos teóricos, às redes de conceitos necessários para pescá-los. Peixes grandes precisam de redes fortes e largas; peixes miúdos, de malha fina. Os objetos teóricos se tornam em um segundo momento ‘métodos de abordagem’; e, na dissertação ou tese, o capítulo de ‘referências teóricas’.

É claro que existem pesquisas meramente descritivas, sem objeto teórico ou que utilizam uma categoria descritiva em seu lugar (ex: “A ‘indústria da seca’ nos discursos jornalísticos sobre a transposição do rio São Francisco”), como também pesquisas estritamente conceituais (sem objeto empírico); mas, na área das pesquisas em ciências sociais aplicadas, onde se localizam epistemologicamente os estudos sobre comunicação midiática, a adoção de objetos duplos (empírico e teórico), explícitos nos títulos principais das pesquisas, já se tornou uma tradição e deve ser perpetuada.

O primeiro passo, portanto, consiste em escolher e definir os dois objetos entrelaçados da pesquisa e colocá-los em um título, mesmo que provisório.

E o segundo passo é, a partir da definição dos objetos empírico e teórico, recortar epistemologicamente o problema da pesquisa. O problema deve ser formulado como uma pergunta a ser respondida pela pesquisa e tem três desdobramentos importantes: os objetivos (principal e secundários), a justificativa e a hipótese.

Os *objetivos do trabalho* referem-se ao seu propósito ou propósitos. Eles são importantes para identificar o alvo da investigação. Se, na pesquisa, o problema define o seu foco de atenção, os objetivos indicam aonde se quer chegar.

A *justificativa* trata da existência de fato do problema, seu alcance (o número de pessoas afetadas); suas implicações; a escassez de estudos a respeito; e a abordagem inovadora da pesquisa para o estudo do problema e do objeto.

E a(s) hipótese(s) são as respostas presumidas da pergunta formulada no problema. As soluções provisórias que imaginamos para questão central da pesquisa.

Tabela 1 – Estrutura metodológica de uma pesquisa científica

TEMA DA PESQUISA	PROBLEMA DA PESQUISA – PERGUNTA CHAVE		
	OBJETIVOS	JUSTIFICATIVA	HIPÓTESES
OBJETO EMPÍRICO	REVISAR toda literatura a respeito	Lacuna no estado atual da pesquisa do problema.	Respostas Possíveis
	IDENTIFICAR as lacunas nos estudos	Ser relativo a um conjunto significativo da população; ter implicações com amplo conjunto de problemas.	
OBJETO TEÓRICO	COMPREENDER as dificuldades e os equívocos de interpretação	Permitir investigações que contribuam para o conhecimento do campo de estudo envolvido.	
	ELABORAR um modelo alternativo de leitura e interpretação	Contribuir para a compreensão de conceitos importantes ou de relações teóricas; possibilitar a exploração eficaz de técnicas de observação e de análise.	

Porém, na área da matemática e nas ciências biológicas, a noção de 'hipótese' tem outro significado: “o conjunto de condições para poder iniciar uma demonstração”. Elas são premissas dentro de uma determinada teoria, que podem ser validadas pela lógica e pela experiência, contribuindo para a formulação de novas hipóteses. No âmbito da abordagem dedutiva, uma hipótese é uma proposição especulativa que se aceita de forma provisória como ponto de partida de uma investigação. A verdade ou refutação da hipótese é determinada graças a raciocínios ou experiências. Se uma hipótese é confirmada, ela se torna um fundamento de teoria científica; se ela é refutada, se transforma em um contra-argumento.

Seja como especulação lógica, premissa epistemológica ou possível resposta aos problemas teóricos levantados pela pesquisa, a noção de hipótese implica em uma revisão bibliográfica sobre o tema e sobre os objetos da investigação. O planejamento desta revisão (os livros, artigos e ensaios que deverão ser lidos para colocar o tema da

pesquisa 'em dia') é feito através de um mapa conceitual chamado 'estado da arte' – que significa “o estado atual da reflexão científica a cerca daquele objeto”.

Para organização de um 'estado da arte' atualizado, sugere-se a consulta às teses e dissertações escritas sobre o assunto através do site da Capes², bem como a pesquisa sobre artigos científicos no site da Intercom³ e de livros no site da Compos⁴.

Na área de ciências humanas e de ciências sociais aplicadas, é um erro corrente confundir os objetivos da pesquisa com suas hipóteses. Porém, os objetivos são definidos por verbos de ação em relação aos objetos empírico e teórico selecionados; e as hipóteses são as respostas ao problema principal da pesquisa, transversal em relação aos objetivos elencados.

Os objetivos expressam propósitos da pesquisa; a justificativa advoga sua finalidade e relevância; e a hipótese representa uma resposta presumida do problema.

Metodologia

A metodologia de pesquisa de objetos e problemas na área das ciências sociais aplicadas subdivide-se, segundo Lakatos (2003, 83-102) em três conjuntos de parâmetros analíticos, do nível mais abstrato para o específico: o método de abordagem, os métodos de procedimento e as técnicas de coleta de dados.

O método de abordagem corresponde a 'filosofia' que orienta a pesquisa. Ele deriva diretamente do objeto teórico que escolhemos para analisar o objeto empírico e se transformará no capítulo de 'Referências Teóricas' da futura tese ou dissertação

Até bem pouco tempo, existiam três tipos de abordagens distintas da área de comunicação: a) a sociologia dos meios de comunicação (os estudos centrados no contexto de transmissão – seja na versão crítica que denuncia a indústria cultural ou na funcionalista que enaltece a comunicação de massa); b) os vários tipos de estudos em torno da linguagem verbal e visual, retórica, filosofia analítica, análise discursiva e semiótica; c) e, finalmente, os diferentes tipos de estudos de recepção (pesquisas de opinião quantitativas e qualitativas, pesquisas de agendamento e de análise bibliográfica especializada).

² <http://bancodeteses.capes.gov.br/>

³ <http://www.portalintercom.org.br/>

⁴ <http://www.compos.org.br/publicacoes.php>

Tabela 2 – Abordagem Tríplice segundo Thompson

OBJETO	ETAPAS	MÉTODOS E TÉCNICAS	RESULTADO
Emissor	Análise sócio-histórica do contexto de transmissão	Estrutura social Situações espaço-temporais Campos de interação Instituições sociais Meios técnicos de transmissão	Síntese Hermenêutica
Mensagem	Análise discursiva	Procedimento histórico Procedimento comparativo Procedimento estatístico Procedimento monográfico Procedimento semiótico	
Receptor	Análise sócio-histórica dos contextos de recepção	Entrevistas Formulário x Questionário Grupo focal Análise de Conteúdo	

Um modelo de síntese foi bastante utilizado durante os anos 90. Porém, devido à grande extensão do enfoque tríplice (emissor/mensagem/receptor), os pesquisadores da área de comunicação migraram para um modelo que distingue o estudo das 'práticas sociais' (focadas no contexto sócio histórico de transmissão e na linguagem) das investigações em 'produção de sentido' (centrados na relação da linguagem com o receptor). Os peixes grandes são pescados pela rede conceitual das práticas sociais; os peixes miúdos, pela rede teórica da produção de sentido.

A análise sócio-histórica do contexto de transmissão pretende, para reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e difusão das formas simbólicas. As maneiras como essas condições influenciam podem variar de acordo com a situação e o objeto pesquisado, mas há alguns níveis de análise indicados: a estrutura social (as classes sociais, as relações entre gêneros e outros fatores sociais permanentes); as situações de tempo espaço em que as formas simbólicas são produzidas; os campos de interação; e os meios técnicos de transmissão de mensagens (a fixação material e a reprodução técnica dos sinais).

Apenas após realizar essa análise do contexto sócio histórico, será possível a análise de procedimento.

Em um segundo momento, toma-se a forma simbólica como um texto, isto é, como mensagem codificada em uma linguagem e como uma estrutura narrativa relativamente autônoma de sua produção e de seu consumo. Neste sentido, a análise discursiva implica em uma abstração metodológica das condições sócio históricas de

produção e recepção das formas simbólicas. Adotam-se aqui vários métodos de procedimento analíticos simultâneos: histórico, monográfico (estudo de caso), estatístico (quantitativos-qualitativos), comparativo (fazendo analogias com outros objetos semelhantes), discursivo e semiótico.

E, finalmente, leva-se em conta a escolha das técnicas de coleta de dados adequadas aos objetivos e à hipótese principal da pesquisa.

Técnicas de coleta de dados

Pode-se dizer que os projetos de pesquisa têm dois pontos de encaixe importantes: a adequação da abordagem aos procedimentos e adequação da estrutura teórico-metodológica (abordagem + procedimento) às técnicas de coleta de dados. Para escolha adequada das técnicas de coletas de dados, dentro da estrutura metodológica de abordagem e procedimentos proposta, é necessário estabelecer alguns parâmetros práticos importantes: a) **população/amostra** - é preciso situar os dados que se vai coletar em relação ao conjunto de dados existentes; b) **descrição e interpretação dos dados** - como vai organizar os dados: por idade, por região, por alguma característica subjetiva; c) a **escolha das técnicas** adequadas *depende ainda do problema, dos objetivos e da hipótese da pesquisa*. É comum que as 'variáveis da hipótese' (as respostas prováveis à pergunta do problema chave da investigação) sejam utilizadas para organização e para interpretação dos dados coletados.

Tabela 3 – Técnicas de pesquisa - documentação

Documentação indireta	Pesquisa documental (fontes primárias)	Fontes de documentos: arquivos públicos, privados e fontes estatísticas. Tipos de documentos: escritos e outros (iconografia, fotografias, objetos, vestuário, folclore).
	Pesquisa Bibliográfica (fontes secundárias)	Tipos: Imprensa escrita; Meios audiovisuais; Material cartográfico; Publicações (livros, teses, monografias, pesquisas)
Documentação direta	Pesquisa de campo	Tipos: quantitativa-descritiva, exploratória e experimental. Utiliza técnicas de observação, entrevista, formulário.
	Pesquisa de Laboratório	No passado era pouco utilizada nas pesquisas da área das ciências sociais aplicadas, com exceção dos estudos em psicologia social, que investigava o comportamento coletivo dos grupos. Hoje está cada vez mais associada à técnica do Grupo Focal.

Costuma-se subdividir as técnicas de coleta de dados em dois momentos: a pesquisa documental indireta, formada pela pesquisa documental propriamente dita (de

fontes primárias) e pela pesquisa bibliográfica (de fontes secundárias); e a pesquisa documental direta, feita ‘em campo’ e/ou em laboratório.

Aqui, segue-se o modelo de Lakatos (2003, pág.s 174-214), mas é preciso também introduzir e ressaltar o aparecimento recente de novos elementos e técnicas: análise de conteúdo (substituindo parcialmente a pesquisa documental), o diagrama do Estado da Arte (para organizar a pesquisa bibliográfica) e o Grupo Focal, como procedimento laboratorial.

Um grupo focal é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade. É uma técnica rápida e de baixo custo para avaliação e obtenção de dados e informações qualitativas sobre vários temas. O objetivo principal de um grupo focal é revelar as percepções dos participantes sobre os tópicos em discussão. O grupo deve ser composto de 7 a 12 pessoas. As pessoas são convidadas para participar da discussão sobre determinado assunto. É dirigido por duas pessoas: uma conversando e a outra anotando. Quem está escrevendo não deve interferir para não misturar os papéis. O moderador do grupo focal levanta assuntos identificados num roteiro de discussão e usa técnicas de investigação para buscar opiniões, experiências, idéias, observações, preferências e necessidades. O moderador incentiva a participação de todos, evitando que um ou outro tenha predomínio sobre os demais, e conduz a discussão de modo que esta se mantenha dentro dos tópicos de interesse.

A análise de conteúdo investiga textos em uma perspectiva quantitativa, analisando numericamente a frequência de ocorrência de determinados termos, construções e referências em um dado texto, em contraponto à análise qualitativa do discurso e semiótica, principalmente para localizar imagens relevantes e temas recorrentes para uma análise específica do plano da expressão. Há três modalidades principais de análise de conteúdo: as análises temáticas, que revelam as representações sociais a partir de elementos constitutivos; as análises formais que enfatizam as formas e encadeamento de discurso; e as análises estruturais, que ressaltam a forma como elementos de mensagem estão dispostos e tentam revelar aspectos subjacentes e implícitos de mensagem.

Há ainda as ‘teorias do jornalismo’, que são procedimentos metodológicos acoplados a formas sofisticadas de análise de conteúdo da mídia: a *agenda settings* (que

estuda como e quando a agenda da mídia pauta a vida cotidiana dos receptores individuais e coletivos); a teoria do *gatekeeper* (que investiga como os acontecimentos são filtrados por porteiro/editor imaginário, definindo o que deve ou não ser publicado); a teoria do *newsmarking* (que pesquisa os critérios de escolha e hierarquização das notícias ao longo do tempo); e a teoria espiral do silêncio (uma forma de análise estrutural de conteúdo que pretende observar o que não está sendo dito e mostrado pela mídia).

Mais que hipóteses explicativas do comportamento da imprensa, as ‘teorias’ do jornalismo são técnicas de coletas de dados que podem ser aplicados à mídia como um todo: pode-se estudar o agendamento de hábitos e roupas em uma telenovela, ou aplicar a noção de *gatekeeper* ou *newsmarking* à seleção de músicas de uma determinada rádio, ou ainda identificar espirais do silêncio em torno de temas tabus (aborto, drogas, homossexualismo) em um *reality-show*.

Caso à pesquisa também envolva recepção (e coleta de dados em pesquisa de campo), o universo população/amostra de audiência deve ser bem definido; e o critério de seleção dos entrevistados deve também ser pré-estabelecido. As principais técnicas de coleta de dados são: a observação; a entrevista; o questionário; e o formulário.

Tabela 4 – Técnicas de coleta de dados em pesquisa de campo

Observação direta intensiva	Observação assistemática
	Observação sistemática
	Observação não-participante
	Observação participante
	Observação individual
	Observação em equipe
	Observação na vida real
	Observação em laboratório
Entrevista - é intensiva quando qualitativa e extensiva quando quantitativa	
Observação direta extensiva	Questionário
	Formulário

Vejamos rapidamente cada uma dessas técnicas.

Observação

A observação não consiste apenas em ver e ouvir, mas, sobretudo, em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. A observação torna-se uma atividade

científica à medida que é planejada e registrada sistematicamente; está relacionada a proposições mais gerais (problema, objetivos, hipóteses); e está sujeita a verificações e controles sobre a validade e segurança. A observação oferece uma série de vantagens e limitações, em relação às outras técnicas de pesquisa, havendo, por isso, necessidade de se aplicar mais de uma técnica ao mesmo tempo. Lakatos (2003, 192-195) apresenta quatro classificações:

a) Segundo os meios utilizados:

- *Observação não estruturada (Assistemática)*. A técnica da observação não estruturada ou assistemática, também denominada espontânea, informal, ordinária, simples, livre, ocasional e acidental, consiste em registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou faça perguntas diretas.
- *Observação estruturada (Sistemática)*. A observação sistemática também recebe várias designações: estruturada, planejada, controlada. Utiliza instrumentos para a coleta dos dados ou fenômenos observados. Realiza-se em condições controladas, para responder a propósitos preestabelecidos.

b) Segundo a participação do observador:

- *Observação não-participante*. Na observação não-participante, o pesquisador toma contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora. Presencia o fato, mas não participa dele. O procedimento tem caráter sistemático.
- *Observação participante*. Consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste. Pode ser anônima ou declarada; natural (quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga) ou artificial (quando ele se integra ao grupo com a finalidade de obter informações).

c) Segundo o número de observadores:

- *Observação individual*. Como o próprio nome indica, é técnica de observação realizada por um pesquisador. Em alguns aspectos, a observação só pode ser feita individualmente.
- *Observação em equipe*. Permite observar a ocorrência por vários ângulos. Pode realizar-se de diferentes formas: a) todos observam o mesmo, com o qual se procura corrigir as distorções que podem advir de cada investigador em particular; b) cada um observa um aspecto diferente; c) a equipe recorre à observação, mas alguns membros empregam outros procedimentos; d) constitui-se uma rede de observadores, distribuídos em uma cidade, região ou país.

d) Segundo o lugar onde se realiza:

- *Observação efetuada na vida real (trabalho de campo)*. Normalmente, as observações são feitas no ambiente real, registrando-se os dados à medida que forem ocorrendo, espontaneamente, sem a devida preparação. A melhor ocasião para o registro é o local onde o evento ocorre.
- *Observação efetuada em laboratório*. A observação em laboratório é aquela que tenta descobrir a ação e a conduta, que teve lugar em condições cuidadosamente dispostas e controladas. O uso de

instrumentos adequados possibilita a realização de observações mais refinadas do que aquelas proporcionadas apenas pelos sentidos.

Entrevista

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. A técnica de entrevista viabiliza a coleta de dados entre pessoas não alfabetizadas; oferece a possibilidade de observar as reações e permite que os dados sejam quantificados e submetidos a tratamento estatístico. Por outro lado, há possibilidade do entrevistado ser influenciado, consciente ou inconscientemente, pelo questionador; e ocupa muito tempo e é difícil de ser realizada. Há diferentes tipos de entrevistas, que variam de acordo com o propósito do entrevistador (2003, 197):

- a) **Padronizada ou Estruturada.** É aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas. Ela se realiza de acordo com um formulário (ver mais adiante) elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano. O pesquisador não é livre para adaptar suas perguntas a determinada situação, de alterar a ordem dos tópicos ou de fazer outras perguntas.
- b) **Despadronizada ou não-estruturada.** O entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de modo informal.
- c) **Painel.** Consiste na repetição de perguntas, de tempo em tempo, às mesmas pessoas, a fim de estudar a evolução das opiniões em períodos curtos. As perguntas devem ser formuladas de maneira diversa, para que o entrevistado não distorça as respostas com essas repetições.

Questionário

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo.

O questionário coleta um grande número de dados, atinge maior número de pessoas simultaneamente, abrange uma área geográfica mais ampla, é mais econômica e obtém respostas mais rápidas e mais precisas. Também há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato; mais segurança, pelo fato de as respostas não serem identificadas e menos risco de distorção, pela não influência do pesquisador. Em compensação, muitos questionários entregues não são devolvidos, um grande número de perguntas fica sem respostas e essa técnica não pode ser aplicada a pessoas analfabetas.

Lakatos (2003, 204-209) classifica os questionários através dos tipos de pergunta. **Quanto à forma**, as perguntas são classificadas em:

a) *Perguntas abertas*. Também chamadas livres ou não limitadas, são as que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões. Possibilita investigações mais profundas e precisas; entretanto, apresenta alguns inconvenientes: dificulta a resposta ao próprio informante, que deverá redigi-la, o processo de tabulação, o tratamento estatístico e a interpretação. A análise é difícil, complexa, cansativa e demorada.

b) *Perguntas fechadas*. Também denominadas limitadas ou de alternativas fixas, são aquelas que o informante escolhe sua resposta entre duas opções: *sim* e *não*.

c) *Perguntas de múltipla escolha*. São perguntas fechadas, mas que apresentam uma série de possíveis respostas, abrangendo várias facetas do mesmo assunto. Têm a desvantagem de sugerir respostas. Podem ser utilizadas pedindo que o entrevistador escolha apenas uma resposta ou que, ao contrário, que assinale várias opções.

d) *Perguntas de estimativa ou avaliação*. Consistem em um julgamento através de uma escala de vários graus de intensidade de um mesmo item. As respostas sugeridas são quantitativas e indicam uma intensidade crescente ou decrescente.

Quanto ao objetivo, as perguntas podem ser:

a) *Perguntas de Fato*. Dizem respeito a questões concretas, tangíveis, fáceis de precisar; portanto, referem-se a dados objetivos: idade, sexo, profissão, domicílio, estado civil ou conjugal, religião etc. Geralmente, não se fazem perguntas diretas sobre casos em que o informante sofra constrangimento.

b) *Perguntas de Ação*. Referem-se a atitudes ou decisões tomadas pelo indivíduo. São objetivas, às vezes diretas demais, podendo, em alguns casos, despertar certa desconfiança por parte do informante, influenciando no seu grau de sinceridade.

c) *Perguntas de ou sobre Intenção*. Tentam averiguar o procedimento do indivíduo em determinadas circunstâncias. É um tipo de pergunta empregado nas pesquisas eleitorais.

d) *Perguntas de Opinião*. Representam a parte básica da pesquisa.

e) *Perguntas-Índice ou Perguntas-Teste*. São utilizadas sobre questões que suscitam medo; quando formuladas diretamente. Mediante este

tipo de perguntas, procura-se estudar um fenômeno através de um sistema ou índice revelador do mesmo. É utilizada no caso em que a pergunta direta é considerada imprópria, indiscreta.⁵

Deve-se iniciar o questionário com perguntas gerais, chegando pouco a pouco às perguntas específicas (técnicas do *funil*), e colocar no final as *questões de fato*. As primeiras perguntas, de descontração do entrevistado, são chamadas de *quebra-gelo*. No decorrer do questionário, devem-se alternar perguntas pessoais e impessoais. A disposição das perguntas precisa seguir uma "progressão lógica". Cada questionário deve conter de 20 a 30 perguntas e demorar, em média, cerca de 30 minutos para ser respondido.

O questionário precisa ser testado antes de sua utilização definitiva, aplicando-se alguns exemplares em uma pequena população escolhida. É o "pré-teste". A análise dos dados, após a tabulação, evidenciará possíveis falhas existentes: inconsistência ou complexidade das questões; ambigüidade ou linguagem inacessível; perguntas supérfluas ou embaraçosas ao informante; se as questões obedecem a determinada ordem ou se são muito numerosas etc. Verificadas as falhas, deve-se reformular o questionário, conservando, modificando, ampliando ou eliminando itens; explicitando melhor alguns ou modificando a redação de outros. Perguntas abertas podem ser transformadas em fechadas se não houver variabilidade de respostas. O pré-teste pode ser aplicado mais de uma vez, tendo em vista o seu aprimoramento e o aumento de sua validade. Deve ser aplicado em populações com características semelhantes, mas nunca naquela que será alvo de estudo. (LAKATOS, 2003, 203)

Formulário e tipos de pesquisa de campo

O Formulário é um dos instrumentos essenciais para a investigação social, cujo sistema de coleta de dados consiste em obter informações diretamente do entrevistado. O que caracteriza o formulário é o contato face a face entre pesquisador e informante e ser o roteiro de perguntas preenchido pelo entrevistador, no momento da entrevista.

⁵ “Geralmente é errado perguntar diretamente ao entrevistado quanto ele ganha. A maioria das organizações de pesquisa classifica os entrevistados em categorias sócio-econômicas, através de um sistema de pontuação. Este é obtido por intermédio de uma série de perguntas, englobando, na maioria dos casos, itens de conforto doméstico (aparelhos eletrodomésticos, televisão etc.), carro (marca e ano), habitação (própria ou alugada), escolaridade do chefe de família e renda familiar. Para cada resposta é atribuído um valor, e a classificação dos pesquisados, em nível sócio-econômico, obtém-se através da soma desses pontos. Normalmente, perguntas relativas a aspectos íntimos ou a vícios são consideradas indiscretas, da mesma forma que aquelas que abordam aspectos relacionados a preconceitos. Para contornar essa dificuldade, pode-se perguntar de forma indireta, dando-se ao entrevistado uma série de opções, que, até certo ponto, podem medir o seu grau de preconceito.” (2003, 209)

Essas técnicas de coletas de dados (observação, entrevista, questionário e formulário) são, muitas vezes, utilizadas de forma combinada nas pesquisas de campo, segundo o problema, os objetivos e as hipóteses da investigação. As pesquisas de campo dividem-se, segundo Lakatos (2003, 187) em três grandes grupos: a) Quantitativo- Descritivos - consistem em investigações empíricas cujo objetivo principal é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos; b) Exploratórios - são investigações empíricas cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa; c) Experimentais - consistem em investigações empíricas cujo objetivo principal é o teste de hipóteses nas relações de tipo causa-efeito.

A ‘prova dos nove’ de um projeto de pesquisa é a elaboração de um instrumento de coleta de dados (questionário, formulário ou roteiro de entrevista estruturada). O exercício é substituir as noções em letras maiúsculas pelos itens do projeto.

- Primeira pergunta: Qual sua opinião sobre o OBJETO EMPÍRICO? (pergunta aberta) Desdobramentos: quais outras teorias/opiniões explicam esse objeto? Qual explicação pode esclarecer aspectos que ainda não conhecemos sobre ele?
- Segunda pergunta: Qual a importância do objeto? E de analisá-lo sobre outra ótica? (Elaborar uma questão de múltipla escolha com base na JUSTIFICATIVA do projeto).
- Terceira pergunta: transformar o OBJETIVO PRINCIPAL da pesquisa em uma pergunta fechada. O verbo, conjugado no infinitivo, deve combinar com o tipo de pesquisa (descritiva, exploratória e/ou experimental).
- Quarta, quinta e sexta perguntas: elaborar uma questão de múltipla escolha e/ou aberta para um dos OBJETIVOS SECUNDÁRIOS.
- Sétima pergunta: O PROBLEMA, a pergunta central da pesquisa (pergunta aberta).
- Oitava, nona e décima perguntas: as três HIPÓTESES-RESPOSTA à pergunta-problema (múltipla escolha para trabalhar as variáveis das hipóteses).

Conclusão

Resumiu-se aqui um pouco da metodologia científica das ciências sociais aplicadas: a relação entre o objeto empírico e um corpus teórico que o explique adequadamente; a necessidade lógica de se estabelecer, de forma assertiva, um problema através de uma pergunta atual, objetivos e hipóteses de solução para a questão levantada; e a diferença entre abordagem e procedimentos.

Defendeu-se ainda a necessidade de especificar as técnicas de coletas de dados, sugerindo-se o consórcio de técnicas quantitativas (principalmente a análise de conteúdo) com técnicas qualitativas (como entrevistas e grupos focais).

A razão de todo esse trabalho é simples: incentivar e facilitar a organização das idéias em projetos de pesquisas empíricas, sugerir métodos e técnicas para realização dessas investigações. Porém, o presente texto não tem a ambição de criar um manual de regras metodológicas. Os parâmetros aqui descritos têm por objetivo orientar e sugerir métodos e técnicas, mais do que prescrever padronizações ou estabelecer normas uniformes de análise.

Ao contrário: o modelo metodológico aqui elaborado acredita que a formulação de problemas e de hipóteses é uma atividade criativa. Crê ainda que a intuição e a sensibilidade sejam fatores determinantes na escolha adequada dos objetos e das amostras. E a própria natureza artística das narrativas midiáticas, cada vez mais criativas e impactantes, também exige formas de análise teóricas cada vez mais sensíveis e criativas. Mais do que um ponto de chegada de várias investigações, esse modelo metodológico de análise deseja estar no começo de várias novas pesquisas, sejam empíricas adotando seus parâmetros, sejam teóricas, aperfeiçoando e/ou descartando os elementos por ele aqui apresentados.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

CASTRO, Alexandre. **Teorias do Jornalismo, Universidade e Profissionalização**. Trabalho aceito no GP Teorias do Jornalismo do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Fortaleza (CE) de 3 a 7 de setembro de 2012. <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/castro-alexandre-2013-teorias-jornalismo.pdf> >

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas 2003.